

dos de pesquisa descrevendo as mediações entre crianças cuidadas por seus avós, nas classes populares. Seu trabalho sustenta que avós e netos constituem-se como sujeitos, através de um processo mediado pela cultura.

Certamente, esta segunda obra, a exemplo da primeira produzida pelo grupo, deverá representar uma grande contribuição para a Psicologia, seja como área de conhecimento ou como área de atividade profissional, na medida em que possibilitará uma compreensão mais adequada sobre o desenvolvimento dos processos psicológicos humanos.

Maio de 2001

Sérgio Antônio da Silva Leite

Em: Cultura, cognição e Afetividade:
A sociedade em movimento

Sérgio Antônio da Silva Leite

casa do Psicólogo

Pg 14 a 25

NAS MALHAS DO APEGO: NATUREZA, CULTURA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Vera Sílvia Raad Bussab* – Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Área de Concentração em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo.

Bolsa de Produtividade de Pesquisa do CNPq

As evidências das predisposições naturais humanas para o desenvolvimento integrado de aspectos sociais, culturais e afetivos são cada vez mais convincentes: não é possível separar uma coisa da outra. A investigação dos limites da plasticidade e dos efeitos recíprocos entre natureza e cultura, aplicada às questões das condições contemporâneas de criação, tem desvendado intrigantes regulações recíprocas.

Acompanhar o fio da meada do desenvolvimento do apego tem permitido a revelação de uma intrincada rede de eventos, da qual nenhum aspecto do viver humano parece escapar. Tem havi-

* Vera Sílvia Raad Bussab. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia, na área da Etologia. Membro do grupo de pesquisa "Evolução e Comportamento". Pesquisa a questão da vinculação afetiva e o desenvolvimento, com ênfase na interação natureza e cultura. Co-autora do livro *Vai encerrar? Lidando com a agressividade* (Ed. Moderna, 1998), com a profª Emma Otta. Autora do capítulo "Biologicamente cultural", com o prof. Fernando Leite Ribeiro, no livro *Psicologia: reflexões (in)permanentes* (Casa do Psicólogo, 1998).

do uma produção intensa de pesquisas sobre o assunto nas últimas décadas, direcionadas em diferentes vertentes, dentre as quais serão examinadas aquelas que têm levado a noções de mudanças na concepção de psicopatologias da vinculação afetiva, ao estabelecimento de estilos de apego entendidos como mediadores na adoção de estratégias reprodutivas, e, por fim, a comparações interculturais da distribuição dos vários componentes da vinculação afetiva e da decorrente diferenciação dos indivíduos das várias culturas.

É possível que este exercício de superação da dicotomia natureza *versus* ambiente, no contexto do desenvolvimento de apego, possa representar uma contribuição conceitual e metodológica apropriada.

A análise dos processos de desenvolvimento permite a compreensão de como as predisposições naturais e as informações ambientais interagem. A partir da elaboração da teoria de apego, por John Bowlby (1969/1984), e através da grande quantidade de pesquisa subsequente, tem ficado claro que existe uma predisposição natural para a formação de vinculações afetivas, constatável nas motivações e nos repertórios básicos das crianças estudadas nas mais diversas culturas, bem como nos seus cursos de desenvolvimento. A formação do apego, o medo de estranhos e a ansiedade de separação aparecem de modo típico no desenvolvimento de crianças tanto em famílias nucleares urbanas quanto em famílias estendidas dos bandos caçadores coletores (Eibl-Eibesfeldt, 1989). O fato de o vínculo se formar em decorrência de interações afetivas e lúdicas contingentes e não pela alimentação ou pela satisfação de outras necessidades básicas ou outros cuidados é demonstrativo do apego como impulso primário e instintivo (Bowlby, 1969/1984).

A junção com outros estudos evolucionários e comparativos mostra que, na evolução humana, houve uma seleção natural dos processos que permitiram aumento da vinculação afetiva, da sobreposição de gerações, do investimento parental e da tendência no jovem a usar o adulto significativo como modelo bem como de sua motivação lúdica e exploratória. Foram estes processos que deram a base para o desenvolvimento cultural (Bussab & Ribeiro,

1998). Desse modo, concebem-se como essenciais as ligações entre o social, o cultural e o afetivo.

Segundo Keller (1998, a), a diferenciação do curso da vida humana em fases pode ser encarada como uma adaptação a demandas contextuais, sendo a infância a fase em que a matriz social primária é construída. As abordagens sociobiológicas têm atribuído às fases o *status* de conquistas filogenéticas em vez de fases transitórias. Os resultados em termos de desenvolvimento das diversas etapas fornecem as bases para modos específicos de exploração e aprendizagem durante a infância.

É importante ressaltar que este produto não é estritamente cognitivo; constitui-se de um complexo individual pleno, que inclui estilos de apego e modos gerais de se relacionar com o mundo.

Toda uma vertente de pesquisas tem explorado diferenças individuais nesse desenvolvimento, em termos qualitativos e quantitativos, examinando o que tem sido caracterizado como estilos de apego, tais como apego seguro, inseguro/ansioso, inseguro/ambivalente ou desorganizado, seus determinantes e suas consequências no desenvolvimento subsequente (Cassidy & Shaver, 1999).

As lentes da análise podem também ser focalizadas nos grupos. Uma vez que a natureza humana parece ajustar o indivíduo para se desenvolver em função da rede social e afetiva na qual ele está imerso, há um interesse especial nas comparações interculturais das especificidades da vinculação afetiva. Diferenças nos cuidados parentais, na organização social cotidiana e na exposição típica das pessoas ao modo de vida do grupo poderiam conduzir a diferenciações dos indivíduos das várias culturas.

Individualistas ou coletivistas? O que torna o adulto o que ele é? A contribuição de Heidi Keller

Keller (1998, a) tem explorado diferenças culturais nesse desenvolvimento, analisando diferentes caminhos de socialização até a adolescência, quanto aos cuidados parentais recebidos em trajetórias classificadas como tipicamente ocidentais e não-ocidentais.

aos sinais do bebê; e a calorosidade, ou seja, o tom emocional positivo. Estes fatores têm sido reconhecidos tradicionalmente como determinantes do desenvolvimento do apego. Contudo, recentemente, vêm sendo considerados como componentes independentes. Heidi Keller dividiu o complexo parental em 4 sistemas, considerando que este conjunto evoluiu em resposta a problemas de adaptação de nossos ancestrais, surgidos durante os diferentes estágios de nosso passado evolucionário. Os componentes de continência e de calorosidade aparecem nos diferentes sistemas que serão definidos a seguir. A pesquisadora reúne indicações de que cada um destes sistemas está relacionado ao desenvolvimento de determinadas características psicológicas e de que, nos diferentes modos de vida, pode haver variações no perfil de distribuição de investimento nos diferentes sistemas.

Sistema I – sistema de cuidado primário – Envolve alimentação, abrigo e higiene e representaria a parte filogeneticamente mais antiga. Diversas medidas de energia parental têm sido consideradas nos animais e nos homens, como taxa de alimentação em pássaros, consumo calórico na amamentação de primatas, mas os investimentos podem variar muito. A função psicológica deste sistema primário restringe-se à redução de diresse, não incluindo trocas referentes à incitação de estados comportamentais positivos ou partilha de momentos lúlicos. A prontidão com que uma criança recebe cuidados primários e assim experiencia alívio para dores e aflições, promove o desenvolvimento de uma dimensão primária de segurança e confiança na proteção e disponibilidade do outro (Bowlby, 1969/1984). Sob condições de extrema pobreza e de estresse ambiental, a amamentação pode ser o único destes tipos de investimento e a prontidão pode ser menor. Entre os Rajput, na Índia, marcados por extrema pobreza, os adultos não prestam muita atenção nas crianças. As mães explicam isso dizendo que todas as crianças são iguais: práticas culturais são associadas a sistemas de crenças. A restrição dos cuidados ao sistema primário parece ser funcional em circunstâncias de extrema mortalidade infantil. O custo psicológico da vinculação individual, o risco e o luto associados à perda poderiam ameaçar a manutenção da vida em tais condições (Keller, 1998, b).

Em primeiro lugar, deve-se examinar as propensões universais relacionadas aos cuidados parentais. Os pais, bem como os adultos em geral e até mesmo crianças de 2 ou 3 anos, estão equipados com programas de cuidados parentais que os capacitam a perceber e a processar informações relevantes dos bebês (Keller, 1998, b), os quais são operados basicamente de modo intuitivo (Papoušek & Papoušek, 1991), ou seja, desempenhados de modo não-intencional, provocados espontaneamente pelos sinais do bebê. Estes programas compreendem motivação para cuidar através de amamentação, consolo, conforto e resposta aos sinais comunicativos do bebê, emergindo assim um “diálogo” ajustado (Stern, 1984). Os pais estimulam o contato de olhar com o bebê e saúdam-no de um modo típico. Ambos engajam-se mais na interação uma vez estabelecido o contato. Os pais, ao interagir, mantêm a orientação face a face e se aproximam mais da criança, mantendo-se, sem se dar conta, a uma distância ideal para a acuracidade visual do bebê, e não ideal para a do adulto. Respondem aos indicadores interativos dentro de um espaço de tempo muito curto, entre 200 e 800 milissegundos, maior do que o de um reflexo, mas menor do que o de uma reação intencional (Lohaus, Keller, Völker, Cappenberg & Chiasotis, 1997). A igualação de expressão facial do bebê, por parte dos pais, é automática e tem sido interpretada como um espelho biológico ou como um eco biológico essencial para o desenvolvimento da autoconsciência e da intencionalidade (Papoušek & Papoušek, 1984). A igualação da expressão facial do adulto pelo bebê, mesmo recém-nascido, tem sido evidenciada apesar das polêmicas (Meltzoff & Moore, 1977, 1983; Field, Woodson, Greenberg & Cohen, 1982). Além disso, o bebê engaja-se mais na interação quando ocorre igualação por parte do parceiro adulto (Field, Guy & Umbel, 1985). A fala afetuosa dirigida aos bebês tem características universais de cadência, simplificação e tom agudo; por sua vez, é o som preferido pelos bebês e o estímulo mais eficiente para evocar sorriso nas primeiras semanas de vida (Orta, 1994). Por fim, deve ser salientado o aspecto que talvez seja o mais essencial dos cuidados parentais: a exibição de calorosidade e de afetos positivos. Segundo Keller (1998, b), duas dimensões dos comportamentos parentais são cruciais: a contingência, ou seja, a prontidão para responder

Sistema II – sistema de contato corporal – Definido pelo contato corporal e pelo carregar. Em muitos sistemas culturais os bebês são carregados presos ao corpo das mães na maior parte do tempo, o que, entre outras coisas, protege a criança de perigos. O exemplo mais típico é o dos caçadores coletores. Em primatas, o contato corporal estabelece a base da vinculação afetiva mãe-filhote e da coesão do grupo (Harlow & Harlow, 1962; Dunbar, 1996). A função psicológica do contato corporal consiste na experiência de calorosidade emocional. A proximidade permanente fortalece a vinculação, o sentimento de parentesco e de pertença. Parece estar associado com a aceitação das normas e valores da geração anterior. Nos modos de vida em que ocorre, como o caçador coletor, o contato corporal é compatível com as atividades diárias da mãe. As crianças nunca ficam sós.

Sistema III – sistema de estimulação – Consiste em um tipo especial de estimulação corporal, através de uma atividade diádica exclusiva: mães ou pais estimulam seus bebês, proporcionando-lhes experiências motoras desafiadoras, através de toques e movimentos, modulados em função das reações da criança. Trata-se de uma troca individualizada, acompanhada de expressões de afeto, que servem a propósitos comunicativos e que permitem a percepção de contingências emocionais e compartilhamentos afetivos. A função psicológica é intensificar a percepção do corpo e a descoberta da eficiência do próprio corpo em relação aos recursos do ambiente. Tal estimulação pode ser responsável pela precocidade motora de crianças africanas e de índios americanos, grupos em que esta estimulação aparece de modo proeminente. Aventa-se ainda que a aceleração do desenvolvimento somático poderia parar o indivíduo para reprodução precoce.

Sistema IV – sistema face a face – Caracterizado por contato de olhar e uso freqüente da linguagem. A evolução da linguagem tem sido interpretada como um mecanismo de apego, que permite a coesão do grupo em unidades sociais maiores. Dunbar (1966) considera a função primária da linguagem na evolução humana como sendo “catação acústica”, ou seja, funcionaria para promoção da ligação entre os indivíduos do mesmo modo que a “catação” dos primatas. O investimento materno no sistema face a face im-

plica uma devoção exclusiva do seu tempo e atenção na troca comportamental diádica. Esses episódios ocupam uma pequena fração do dia da criança. No estudo de Keller com crianças alemãs de três meses, foram registrados em observações de 12 horas diárias, cerca de 75 minutos (primeiro filho) e 66 minutos (caçula), dos quais, 63 e 50 minutos com a mãe, e 11 e 5 minutos com o pai, respectivamente. As trocas face a face seguem as regras de pseudodiálogos, proporcionando ao bebê a experiência de percepção de contingência. O adulto responde prontamente aos sinais do bebê; este pode se perceber como causa da ação dos pais. A calorosidade nas trocas face a face é um componente independente e é experienciada através do compartilhamento de emoções positivas. Cada um destes componentes tem sua própria consequência no desenvolvimento em termos de segurança (contingência) e de orientação social (calorosidade). O sistema parental face a face prevalece nos contextos onde a competição define a estrutura social, especialmente nas sociedades ocidentais industrializadas. As crenças culturais correspondentes salientam a importância da individualidade e da independência precoce.

A concepção do sistema parental dividido em subistemas se-
parados é defendida por Keller (1998, b), na medida em que cada um deles parece contribuir com diferentes consequências psicológicas para a formação de auto-conceitos culturalmente ajustados. Diferentes ênfases nos quatro sistemas produziriam diferentes personalidades culturais. Estas composições culturais permitiriam uma resposta a determinadas condições ambientais e/ou sociais. Em função da quantidade e da qualidade das experiências parentais precoces, a personalidade cultural pode ser classificada numa matriz de dimensões psicológicas, constituídas principalmente por proteção e segurança (self seguro) alimentadas pelo sistema de cuidados primários, por sentimentos de filiação ou parentesco (self social) calcados no sistema de contato corporal, pela consciência do corpo (self corporal) oriunda do sistema de estimulação e pela individualidade (self mental) baseada no sistema face a face.

Para sustentar a idéia de universalidade dos sistemas parentais, indica-se que os quatro sistemas podem ser identificados nos mais diferentes ambientes culturais. Por exemplo, Keller, Schölmerich &

sos com suas mães (Munroe & Munroe, 1994; Whiting, 1981, respectivamente).

Fase de aquisição (até a puberdade). As diferentes concepções culturais características dos dois padrões, estabelecidas na fase anterior, também se refletem na fase de aquisição. O Ocidente enfatiza o pensamento abstrato e lógico como meta de desenvolvimento e os não-ocidentais salientam os componentes tecnológicos, mas, acima de tudo, competências sociais. Nas culturas ocidentais, as crianças aprendem em instituições escolares formais, em contextos distanciados da aplicação dos conhecimentos. Em muitas culturas não-ocidentais, as técnicas culturais são adquiridas no próprio palco onde a vida cultural se desenrola, através de cuidados co-ocorrentes e de uma distribuição atencional co-ocorrente já adquirida pelas crianças, sendo extremamente importante o aprendizado observacional. O conhecimento é uma propriedade partilhada do grupo e a competência reflete capacidade de cooperação. Keller fala de uma estampagem (*imprinting*) cultural, que se concretiza durante a fase de aquisição.

Fase de transformação (desde o início da puberdade até a reprodução). É a preparação para a definição social do adulto. É mais curta nos cenários rurais, sob condições econômicas restritas, e nas culturas não ocidentais de um modo geral, onde tendem a existir rituais de transição bem marcados, com formação familiar precoce e desenvolvimento de identidade grupo-relacionada. Nas culturas ocidentais é esperado que o adolescente construa e co-construa sua própria identidade transformando o padrão cultural do coletivo em um sistema individual de valores e crenças. A duração dessa fase é maior e há uma espécie de moratória educacional.

Keller qualifica estes caminhos de desenvolvimento como preparação para diferentes estilos reprodutivos, apontando, exploratoriamente, comparações do número médio de filhos e da expectativa de vida. Nas sociedades ocidentais, o número médio de filhos é de 1,7 e a expectativa média de vida em anos 74,4, com a Itália tendo o número médio mais baixo de crianças, 1,17, e a expectativa mais alta, 78,8. Em sociedades não-ocidentais, o número médio de filhos é 3,5, com expectativa média de 62,3, com variações: por exemplo, para 10 tribos de Camarões, o número médio é maior, 5,2

Eibl-Eibesfeldt (1988) constataram o sistema face a face em culturas tão diferentes quanto a alemã, a yanomami e a das ilhas Trobriand.

A educação formal parece produzir impacto típico em sociedades tradicionais, influenciando os cuidados parentais, aumentando o contato face a face e o uso de linguagem durante as situações interacionais, segundo estudos feitos com diferentes povos, organizados por Greenfield & Cocking (1994).

Keller (1998, a) aponta que, embora haja um número infinito de práticas culturais, dois padrões consistentes podem ser detectados: o ocidental (14% da população mundial) e o não-ocidental (86% da população). Foi proposta uma divisão do curso de desenvolvimento em três fases, sendo interessante verificar as diferenças apontadas pela autora em características de cada uma dessas fases nos dois padrões de cuidados parentais. Os limites das fases seriam definidos por marcadores psicobiológicos, com certas variações de cultura para cultura. A idade de 2 a 3 anos é encarada como de transição em muitas culturas, marcada pela abertura do grupo social primário. As crianças alemãs vão para o jardim da infância; na Índia "chukarma" significa que a criança está pronta para o processo de disciplinização.

Fase de recepção (0 a 2/3 anos). A primeira tarefa do desenvolvimento é a aquisição de uma matriz social primária que deve ser adaptativa ao respectivo meio ambiente. As crianças crescem dentro de cenários vividos pelos seus pais e por eles projetados, cenários estes que definem as condições ambientais concretas para as experiências iniciais de socialização, e que podem ser classificadas quanto ao meio social e à estrutura de atenção. O modelo ocidental concebe o cuidado como uma troca comportamental exclusiva, com foco atencional sobre a criança; o não-ocidental, especialmente sob condições de escassez de recursos, concebe o cuidado como uma atividade co-ocorrente, sendo a socialização um processo co-ativo, com distribuição de atenção a diferentes focos ao mesmo tempo. Contudo, nas mais diferentes culturas, são as mães as pessoas primárias socialmente significantes nos primeiros meses de vida, havendo, porém, diferenças consideráveis nas oportunidades de interações com os demais. Na família ocidental nuclear, as crianças passam a maior parte ou todo o tempo do dia a

crianças, e a expectativa de vida menor, 50,2 anos. A concepção sociobiológica de investimento parental poderia, segundo a autora, ser estendida a modos parentais diferentes, refletindo diferentes qualidades, antes que variação quantitativa.

As correlações apontadas por Heidi Keller, entre estilos de cuidados parentais e orientações culturais dos adultos, alimentam raciocínios e orientam investigações potencialmente relevantes para a compreensão do desenvolvimento humano. É evidente que a mera correlação não é suficiente para o estabelecimento de uma relação causal direta entre o tipo de cuidado parental e as características socioculturais dos adultos; muitos outros aspectos, além dos cuidados parentais, diferem nos dois tipos de trajetórias identificados. De novo, a identificação de diferenças mais individuais dentro do próprio grupo cultural, compatíveis com as previstas na teoria, corroboraria com a mesma. Desse modo, poder-se-ia investigar se variações de investimento parental no sistema face a face gerariam variações correspondentes de individualismo, dentro de um contexto cultural comum, e assim por diante.

Importa, no presente caso, salientar que o desenvolvimento humano ocorre de tal maneira que as interações sociais e afetivas podem deixar marcas nos mais diversos aspectos psicológicos do indivíduo e do grupo. A natureza destes efeitos também é reveladora da complexidade dos níveis envolvidos. O próximo item pretende ilustrar esta idéia.

Análise de evidências do efeito de conflitos na infância sobre o desenvolvimento de estratégias reprodutivas no indivíduo

Muitos teóricos evolucionários têm relacionado o contexto de criação inicial à estratégia reprodutiva subsequente do indivíduo, propondo que o mediador desse processo seja o estilo de apego seguro ou inseguro (Hill, Young & Nord, 1994), considerando, dessa forma, tratar-se de um processo adaptativo selecionado ao longo da evolução.

De modo compatível com estas suposições, estudos mais recentes têm dado suporte à idéia de que conflitos na infância afetam o desenvolvimento reprodutivo, em termos comportamentais e fisiológicos, como pode ser ilustrado pela revisão feita por Kim, Smith, & Palermi (1997), bem como pela pesquisa por eles desenvolvida com 380 estudantes entre 16 e 19 anos, no sul da Itália. Nesta pesquisa, constatou-se que, para as mulheres, diversas situações de conflito na infância estavam associadas à menarca mais precoce, a saber: – mais estresse na qualidade de vida familiar; – mais infelicidade conjugal dos pais; – mais conflito com a mãe; – mais rejeição do pai; – menos proximidade emocional com a mãe, considerando-se a infância do nascimento aos 11 anos, e mais independência da mãe ou do pai no final da infância (8 a 11 anos). A menarca mais precoce também estava associada a uma idade mais precoce do primeiro namoro e a um parceiro relativamente mais velho no primeiro relacionamento sexual. Para os homens, espermarca mais precoce estava associada a: – mais conflito entre os pais na primeira infância (até os sete anos); – menos proximidade emocional com o pai até os 11 anos; e – mais agressividade, rebeldia e externalização de sintomas dos 8 aos 11 anos. Segundo os autores, estes resultados estão de acordo em vários aspectos com a teoria sociobiológica desenvolvida por Belsky, Steinberg & Draper (1991), segundo a qual a experiência familiar durante os primeiros 5 a 7 anos permite que a criança avalie a disponibilidade de recursos, a durabilidade dos vínculos afetivos e a confiabilidade dos outros como uma base para o desenvolvimento da sua própria estratégia reprodutiva. Indivíduos de famílias caracterizadas por recursos adequados, vínculos parentais duráveis e cuidados parentais adequados se desenvolveriam de modo a retardar o início da maturação e da atividade sexual e apresentariam tendência para formar pares estáveis. Por sua vez, recursos imprevisíveis ou escassos, vínculos parentais instáveis e falta de confiabilidade familiar produziram puberdade precoce, atividade sexual acelerada, levando a uma sucessão de vínculos instáveis. Neste último caso, as crianças estariam internalizando um modelo interno inseguro/evitador.

Embora algumas condições ambientais pouco favoráveis, nível socioeconômico reduzido, nutrição inadequada, possam estar re-

lacionadas a um retardamento da puberdade (Adams, 1981), algumas perturbações na vinculação familiar parecem sobrepujar este efeito e agir em sentido oposto. É como se circunstâncias ambientais desfavoráveis induzissem estratégia reprodutiva mais ajustável a essas mesmas circunstâncias, ou seja, estratégia reprodutiva quantitativa, a saber, precoce, com muitos filhos e baixo envolvimento parental, em contraste com uma qualitativa, menos precoce, com poucos filhos e mais envolvimento parental.

Se estas suposições forem confirmadas, abrem-se novas questões para a compreensão do desenvolvimento. As evidências são em si desafiadoras, embora se esteja muito longe de uma boa compreensão do que acontece. Seja como for, vale considerar o exemplo em tese. Se o ser humano foi selecionado de tal modo que as experiências familiares iniciais determinassem o tipo de desenvolvimento de estratégias reprodutivas subsequentes, envolvendo o estilo individual de vinculação afetiva, seria conveniente investir na compreensão de como este desenvolvimento se processa. Ao se desvendar o processo, abrem-se as possibilidades de prevenção, intervenção e cuidados (Bussab, 2000).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, J. F. (1981) Earlier menarche, greater height and weight: a stimulation-estresse factor hypothesis. *Genetic Psychology Monographs*, 104, pp. 3-22.
- BOWLBY, J. (1969/1984) *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- BELSKY, J. STEINBERG, L., & DRAPER, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: an evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62, pp. 647-670.
- BUSSAB, V. S. R. (2000) Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (2), pp. 233-243.

- BUSSAB, V. S. R. & RIBEIRO, F. J. R. (1998). Biologicamente cultural. In: L. SOUZA, M. F. Q. FREITAS & M. M. P. RODRIGUES (Eds.), *Psicologia - Reflexões (im) pertinentes* (pp. 195-224). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CARVALHO, A. M. A. (1998) Etologia e comportamento social. In: L. SOUZA, M. F. Q. QUEIROZ, & M. M. P. RODRIGUES (Eds.), *Psicologia - reflexões (im) pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 195-224.
- CASSIDY, J. & SHAVER, P. R. (Eds.) (1999). *Handbook of Attachment - Theory, Research and Clinical Applications*. New York, London: The Guilford Press.
- DUNBAR, R. (1996). *Grooming, gossip and the evolution of language*. London: Faber & Faber.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1989). *Human Ethology*. London: Aldine de Gruyter.
- FIELD, T. M.; WOODSON, R.; GREENBERG, R. & COHEN, D. (1982) Discrimination and imitation of facial expressions by neonates. *Science*, 218, 179-181.
- FIELD, T.; GUY, L. & UMBEL, V. (1985) Infants' responses to mothers' imitative behavior. *Infant Mental Health Journal*, 6 (1): 40-44.
- HARLOW, H. F. & HARLOW, M.K. (1962). Social deprivation in monkeys. *Scientific American*, 207, pp. 136-146.
- HILL, E. M., YOUNG, J. P. & NORD, J. L. (1994). Childhood adversity, Attachment Security, and Adult relationships: a preliminary study. *Ethology and Sociobiology*, 15, pp. 323-338.
- GREENFIELD, P. M., & COCKING, R. R. (Eds.) *Cross cultural roots of minority child development*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum.
- KELLER, H. (1998, a) Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, (1/2), 01-14.

- KELLER, H. (1998, b) The role of development for understanding the biological basis of cultural learning. Paper read at the Symposium "Theories of individual development: demarcating and integrating metaperspectives", Wittemberg, Germany, November 5th - 8th.
- KELLER, H., SCHÖLMERICH, A., & EIBL-EIBESFELDT, I. (1988). Communication patterns in adult-infant interactions in Western and non-Western cultures. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 7, pp. 139-152.
- KIM, K., SMITH, P. K., & PALERMITI, A.-L. (1997) Conflict in Childhood and Reproductive Development. *Evolution and Human Behavior*, 18, pp. 109-142.
- LOHAUS, A., KELLER, H., VÖLKER, S., CAPPENBERG, M. & CHIASOTIS, A. (1997). Intuitive parenting and infant behavior: concepts, implications, and empirical validation. *The Journal of Genetical Psychology*, 158 (3), 271-286.
- MELTZOFF, A. N.; MOORE, M. K. (1977). Imitation of facial and manual gestures by human neonates. *Science*, 198, 75-78.
- MELTZOFF, A. N.; MOORE, M. K. (1983). Newborn infants imitate adult facial gestures. *Child Development*, 54, 702-709.
- MUNROE, R. H., & MUNROE, R. L. (1994). Behavior across cultures: results from observational studies. In: W. J. LONNER & R. S. MALPASS (Eds.) *Psychology and Culture*. Boston: Allyn & Bacon, pp. 107-111.
- OTTA, E. (1994). *O sorriso e seus significados*. Petrópolis: Vozes.
- PAPOUSEK, M. & PAPOUSEK, H. (1984) Learning and cognition in the every day life of human infants. *Advances in the study of behavior*, 14, 127-159.
- PAPOUSEK, M. & PAPOUSEK, H. (1991). Early vocalizations as precursors of language development. In: M. E. LAMB & H. KELLER (Eds.), *Infant development. Perspectives from German-speaking countries* (pp. 299-328). HILLSDALE, N. J.: Erlbaum.
- STERN, D. N. (1984). Affect attunement. In: J. D. Call, E. GALENSON, & R. L. TYSON (Eds.), *Frontiers of infant psychiatry* (pp.3-14). New York: Basic Books.
- WHITING, J. W. M. (1981) Environmental constraints on infant care practices. In R. H. MUNROE, R. L. MUNROE & B. B. WHITING (Eds.) *Handbook of cross-cultural human development*. New York: Garland, pp. 155-179.